

ALGEMAS DE SOL E CHUVA: METÁFORA DA OPRESSÃO

Gustavo de Matos Júnior • Graduando em Letras/Português pela Universidade Potiguar; Bolsista no Programa de Educação Tutorial Literatura no RN/MEC. gustavomts7@gmail.com

Conceição Flores • Orientadora. Doutora em Literatura Comparada; Professora de Literatura da Universidade Potiguar e Tutora do Programa de Educação Tutorial Literatura no RN/MEC. conflores.natal@gmail.com

Tatiane Pereira da Silva • Graduada em Letras/Português/Inglês pela Universidade Potiguar. tatiane.borboleta8@yahoo.com.br

Envio em: Julho de 2014

Aceite em: Fevereiro de 2015

RESUMO: O presente trabalho visa analisar as identidades das personagens no cenário do romance social *Algemas de sol e chuva*, da escritora norte-rio-grandense Elma Luzia Mousinho. Passado no interior do nordeste brasileiro, narra a história de uma família e os problemas encontrados por ela, ilustrando o sofrimento dos que padecem com a seca e com a displicência dos que foram eleitos para resolver essa situação. O suporte teórico usado para análise da obra se ampara no conceito de romance social (LUCAS, 1976) e nas considerações sobre identidade de Sygmunt Bauman (2005). A autora foge da casualidade ao desvendar mecanismos de poder ocultos, trazendo à tona um sistema de mutilação social muitas vezes invisível para os que não sofrem com a tragédia da seca.

Palavras-chave: Romance social. Identidade. Algemas de sol e chuva.

ALGEMAS DE SOL E CHUVA: METAPHOR OF OPPRESSION

ABSTRACT: The present work analyzes the identities of the characters in the scenario of the social novel *Algemas de sol e chuva*, written by Elma Luzia Mousinho. Passed in the inner area of the Brazilian northeast, It tells the story of a family and the problems encountered by them, illustrating the plight of those suffering from the drought and the indifference of those who were elected to resolve this situation. The theoretical analysis used to support the work bolsters in the concept of social novel (LUCAS, 1976) and in the considerations about identity of Sygmunt Bauman (2005). The author escapes from the casualness when she unravels mechanisms of hidden forces, bringing up the system of social harm often invisible to those who do not suffer from the tragedy themselves.

Palavras-chave: Social novel. Identity. Algemas de sol e chuva.

1. INTRODUÇÃO

Enquanto existir nas leis e nos costumes uma organização social que cria infernos artificiais no seio da civilização, juntando ao destino, divino por natureza, um fatalismo que provém dos homens; enquanto não forem resolvidos os três problemas fundamentais a degradação do homem pela pobreza, o aviltamento da mulher pela fome, a atrofia da criança pelas trevas; enquanto, em certas classes, continuar a asfixia social ou, por outras palavras e sob um ponto de vista mais claro, enquanto houver no mundo ignorância e miséria, não serão de todo inúteis os livros desta natureza. (*Victor Hugo*)

Algemas de Sol e Chuva (1985), da autora norte-rio-grandense Elma Luzia Mousinho, narra um período da história da família de Zefa. Eles moram na zona rural de alguma cidadezinha do interior do nordeste brasileiro que sofre com as práticas mandonistas de um político corrupto.

Neste romance, Mousinho narra um caso que não que abrange apenas um grupo de uma região e os acontecimentos de suas vidas, mas conflitos expressivos que levam o leitor a refletir sobre problemas seculares que atingem os camponeses sem terra e o abandono dos governantes. A partir da leitura de sua obra, propomos-nos a analisar a sociedade narrada, bem como as identidades construídas no percurso individual e coletivo, denunciando a partir do individual os problemas sociais de todo um grupo.

Por isso, assim como Victor Hugo escreveu no prefácio de *Os Miseráveis*, enquanto houver na terra miséria gerada pela organização social não serão de todo inúteis os livros desta natureza.

2. DA AUTORA À OBRA

Posto que a “obra participa da vida do autor” (MAINGUENEAU, 1995. p. 46), passamos a apresentar a autora Elma Luzia Mousinho. Professora e escritora, nascida na cidade do Natal, em 29 de março de 1955, seu pai, João Lopes Mousinho Filho, foi poeta, mesmo sem jamais ter publicado. Elma Luzia ainda ouvia histórias que sua mãe, Honestália dos Reis Mousinho, contava, e seu avô paterno também tinha afinidade com a escrita, ele redigiu, editou e publicou a primeira revista do Rio Grande do Norte, *A Revista do Norte*.

A autora estudou no Atheneu Norte-rio-grandense e na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, tendo se formado em Ciências Biológicas, e feito especialização em Psicopedagogia na Universidade Potiguar. Suas publicações são *Algemas de sol e chuva* (1985), seu primeiro romance e que teve quatro edições. O segundo foi *Cercas da opressão* (1986), também com quatro edições, seguido pelos infantis *Correio para o céu* (1987, cinco edições) e *A revolta do relógio* (1988, três edições). Em 1988, o poema “Semente”, foi incluído na *Coletânea de poetas brasileiros*, publicada pela Crisálides Editora, do Rio de Janeiro.¹

¹ Informações cedidas via e-mail pela autora do romance.

2.1. A OBRA E A NATUREZA DO ROMANCE

Algemas de sol e chuva trata do sofrimento e da mutilação do indivíduo como um ser social, introduzindo o leitor em um ambiente representativo da realidade nordestina através de descrições da paisagem física e humana, aspectos identitários dos personagens e a interação linguística presente.

Seu título, *Algemas de sol e chuva*, transcreve mais do que a limitação das personagens presas aos eventos da natureza, que determinam o sucesso ou fracasso da colheita. De acordo com o *Dicionário Balsa da Língua Portuguesa* (1980), algema é “Ferro com que se prende alguém pelos pulsos ou tornozelos. 2. Opressão.” A opressão vem da ação do prefeito que deveria vir a favor dos camponeses, que em vez disso usa dos elementos da natureza para tolher os movimentos dos seus eleitores, deixando-os sempre necessitados de seus “favores”, de mãos atadas, algemados.

Já nos primeiros capítulos do romance, identificamos na obra os problemas da população, que sofre com as práticas mandonistas do rico fazendeiro e prefeito. José Murilo de Carvalho explica que o termo “mandonismo”:

Refere-se à existência local de estruturas oligárquicas e personalizadas de poder [...] que, em função do controle de algum recurso estratégico, em geral a posse da terra, exerce sobre a população um domínio pessoal e arbitrário que a impede de ter livre acesso ao mercado e à sociedade política. O mandonismo não é um sistema, é uma característica da política tradicional. [...] A tendência é que desapareça completamente à medida que os direitos civis e políticos alcancem todos os cidadãos (CARVALHO, 1997)²

A maior parte das personagens nem sabe ler. O novo concorrente ao cargo de prefeito promete em sua campanha o que todos precisam e para que essas pessoas pudessem votar, ele contrata uma moça para ensinar todos aqueles que não sabiam sequer escrever o nome nem assinar, tornando-as assim capazes de votar, “adestrando” as personagens. Porém, entre as personagens se encontra uma que não se submete ao sistema: Zé Gavião. Ele mostra resistência à forma como todos, naquela região, se subordinam à política:

Não queria aprender, não queria votar, não queria nada. A moça falara que era para o bem dele e de todo mundo, que eles iam melhorar se votassem. [...] Não tinha filhos, mulher, ninguém. Morreram todos, um a um. Ele ficara assim, teimoso, sem falar. Quase sempre de cabeça baixa, riscando o chão com um graveto. [...] Sempre dava aos outros o que conseguia. Ele não era ruim, só esquisito. [...] Zé Gavião não plantava nada. Só comia o que pescava, o que caçava e o que conseguia com as trocas. Sabia de todo remédio que se usava no sertão, onde estava e para que servia. Receitava todo mundo. Não queria nada. Só sentar no tronco e riscar o chão. Não queria votar também (MOUSINHO, 1989, p. 12-13).

Através de Zé Gavião se vê a luta muda de um homem que se rebela contra o sistema, pois através do seu sofrimento aprendeu a não ter esperanças vãs. Votar seria inútil

² Documento extraído da Internet.

porque não traria resultado para o povo, visto que ele via governo após governo a situação do povo continuar na mesma.

O romance aborda o transitório, sem começo nem fim e, como a vida, ele é cíclico, inacabado. E essa característica é bem representada em *Algemas de Sol e Chuva*, que inicia com Zefa e Neco andando pela noite, vindo de algum lugar e se encerra da mesma maneira: “Apressou o passo e emparelhou ao marido, olhou para ele. Olharam-se, duas sombras na noite...” (MOUSINHO, 1989, p. 116).

A narrativa tem um importante papel na reflexão de problemáticas da vida real, pois é através da vida do homem comum em meio à sociedade que ela se constitui. Podemos dar como exemplo desta contextualização a pluridiscursividade³ presente no romance, isto é, a “proliferação do discurso do outro, da multiplicidade de falares e de ideologias em constante interação, a irreduzível diversidade centrífuga de vozes, estilos, opiniões de a vida das sociedades é feita”⁴. A língua faz parte da identidade de um povo e tem o poder de aproximar o leitor da realidade e do ambiente ao qual será exposto.

■ 3. ALGEMAS DE SOL E CHUVA E A IDENTIDADE NO ROMANCE SOCIAL

O termo social será invocado, tomando por base as palavras de Lucas, isto é,

[...] toda vez que a personagem ou o grupo de personagens tiver seu destino ligado ao da sociedade global de que faz parte, sob o impulso das forças fundamentais que conferem historicidade às tensões entre indivíduos ou grupos (LUCAS, 1976, p. 49).

Mousinho apresenta culpados pela miséria, pondo a mão na chaga que o romance de costumes não ousa denunciar. Estes romances embora descrevam estados subumanos não indicam sua gênese. Nas palavras de Fábio Lucas (1976), condena-se a miséria, sem se condenar a causa. Muitas vezes os males sociais eram explicados por noções fatalistas, como a natureza, por exemplo.

E se em outros romances o único culpado pela miséria era a natureza impiedosa e não se culpava o sistema, neste não apenas a natureza será culpada, mas também o político corrupto que os prende em um ciclo de dívidas e de sua dependência. “Você sabe quanto me deve? Neco fez que sim, mas não sabia não. Ali na baixada ninguém sabia quanto devia ao patrão.” (MOUSINHO, 1989, p. 106). Frente a essa realidade não há uma personagem que com ações heroicas venha a todos salvar, mas a personagem que mais resiste, Zé Gavião, é o morador mais afastado, mais solitário, talvez o mais sofrido. Ainda o esquisito, sempre o estereótipo daqueles que se afastam de qualquer atividade que faça parte da manutenção do meio de produção capitalista. Isso nos leva

³ Em Portugal, esse conceito bakhtiniano foi traduzido por heteroglossia.

⁴ DUARTE, João Ferreira. Documento extraído da Internet.

à reflexão sobre a sobrevivência nos ambientes onde as dificuldades são exploradas de forma a causar dependência, levando o leitor a refletir sobre a realidade.

Na antropologia, o conceito de identidade está sempre relacionado à ideia de alteridade. A identidade das personagens da Baixada do Gavião está diretamente ligada ao contraste com a identidade do prefeito, homem que vivia a própria alegoria da autoridade. Sabia disso e construía sua relação com aquele povo não pelo respeito, mas pelo medo. Sua própria aparência é construída com esse viés, o que percebemos quando a narradora o descreve: “O prefeito era um homem grandão, bigodudo, de cara fechada e seguro de si. Do poder. Do medo do povo. De sua dependência” (MOUSINHO, 1989, p. 20).

As características que sobram nuns, faltam em outros. Podemos citar como principais características do povo da Baixada do Gavião as marcas do sofrimento, elementos em comuns da identidade desse povo. Na descrição de Joana Baixinha, por exemplo, vemos refletida na sua aparência, sua identidade de pessoa oprimida por toda uma vida:

A mulher chegou silenciosa, olhar encabulado, nunca capaz de encarar alguém. A timidez nascida do isolamento, da desvalorização que o mundo lhe dera desde que nascera, da própria certeza de sua insignificância. Por isso mesmo não fala, e quando fala, o faz de maneira desordenada, ou muito rápido, ou muito vagarosamente, muito baixo ou muito alto, com agressividade ou sem nenhum modo imperativo. Não se quer incomodar a ninguém, nem a si próprio (MOUSINHO, 1985, p. 43).

É visível no romance a limitação das personagens, que, por imposições, se prendem tijolo por tijolo em uma prisão existencial que as desvia de suas próprias escolhas. O sociólogo Zygmunt Bauman mais uma vez nos empresta suas palavras para comentar a imposição da identidade dessa população fictícia, porém tão real, da obra analisada. Suas palavras se encaixam na realidade do enredo, quando diz que

O prazer de selecionar uma identidade estimulante é corrompido pelo medo. Afinal, sabemos que, se os nossos esforços fracassarem por escassez de recursos ou falta de determinação, uma outra identidade, intrusa indesejada, pode ser cravada sobre aquela que nós mesmo escolhemos e construímos (BAUMAN, 2005, p. 45).

As personagens existentes na Baixa do Gavião estavam limitadas pela escassez natural de recursos e pelo domínio do prefeito, *já que* ele era detentor dos melhores recursos da região. Com uma política justa esses recursos abririam caminhos para uma vida justa e com melhores oportunidades, criando a possibilidade de estabelecer identidades diferentes, escolhidas pelos próprios moradores. Mas a realidade era diferente, as identidades deles não foram escolhidas e sim impostas pela situação, “destino” do homem sertanejo que sofre com a corrupção, assim como todos aqueles que passam por situações semelhantes.

É importante frisar também o anonimato da cidade e dos candidatos a prefeito. Tal efeito de sentido não é aleatório, ele induz à sensação de variedade dos casos. Essa

característica remete mais uma vez ao conceito de romance social, tendo em vista que coloca não um problema isolado, mas que é representativo de uma realidade recorrente na história brasileira. O romance foi publicado em 1985, mas na obra não é citada nenhuma data, esse vazio corresponde da mesma forma ao anonimato citado anteriormente, resultando na ideia da “atemporalidade” dos casos.

■ 4. CONCLUSÃO

Algemas de sol e chuva é o romance em que a escritora Elma Luzia Mousinho faz mais que uma crítica, ela faz a denúncia de uma característica da política tradicional do mandonismo que ainda se faz presente em muitos municípios brasileiros.

É um romance que apesar de curto se faz grande, passando pelo nascimento e pela morte, pelos ritos da vida local de uma cidade desde o urbano ao rural. Onde se vê que os cabrestos do rico fazendeiro e prefeito sobre os necessitados se fazem intencionalmente pela má administração dos políticos e pelo mau uso dos recursos públicos. E quem resiste a esse sistema vive uma vida marginal no primitivismo.

Algemas de sol e chuva serve de representação de parte da sociedade, uma mostra cabal das limitações impostas a milhares de famílias e de seus modos de sobreviver a esse peso. Mostra uma face contrária à que Aristóteles definiu ser a finalidade do Estado: assegurar aos homens mais facilmente o que é necessário à vida (NASCIMENTO, [1900?]). É, pois, um romance social. Por ele visualizamos o esmagamento das vontades de suas personagens, que podemos facilmente crer serem reais quando vemos qualquer pessoa que tenha a impotência impregnada na sua personalidade e a desvalorização esculpida em seu rosto.

■ 5. REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual. **Dados.** Rio de Janeiro, no. 2, vol. 40, 1997.

DUARTE, João Ferreira. Heteroglossia. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=238&Itemid=2>. Acesso em: 31 maio 2014.

HUGO, Victor. **Os miseráveis.** São Paulo: Martin Claret, 2007.

LAFETÀ, João Luiz. Estética e ideologia: o Modernismo em 1930. **Argumento.** [s.l.], Ano 1, n. 2, Nov. 1997.

LUCAS, Fábio. **O caráter social na literatura brasileira.** São Paulo: Quíron, 1976.

MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1995.

MOUSINHO, Elma Luzia. **Algemas de sol e chuva**. Natal: Clima, 1989.

NASCIMENTO, Giovane do; SANTOS, Lenilson Alves dos. Ética e Política como Fundamentos da Educação em Aristóteles, **Agenda Social**, Vol. 6, n. 3, p. 106, [1900?].

DICIONÁRIO Balsa da Língua Portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1980.